

★★★★
EXCELENTE
★★★★
MUITO BOM
★★★
BOM
★★
REGULAR
★
RUIM

DOIS

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 26 de maio de 1998

SENADOR JOSÉ FOGAÇA RE-
VELA LADO COMPOSITOR E
LANÇA O PRIMEIRO CD.

3

LEI MAGELA

A LUTA DAS SECRETARIAS DO GDF CONTINUA

Paulo Paniago
Da equipe do Correio

De um lado do ringue, com a chave do cofre na mão e peso-pesado, a secretária de Fazenda. Do outro lado, com o chapéu na mão e peso-mosca, a secretária de Cultura, com torcida organizada pelos artistas e produtores brasileiros. O juiz, todos conhecem, o imparcial governador Cristovam Buarque. O cinturão é a Lei Magela, também conhecida como o pomo da discórdia, recentemente decretada inconstitucional pela Procuradoria do DF, a pedido da secretária de Fazenda.

O contragolpe veio rápido e no mesmo round: na quarta-feira passada a Câmara Legislativa aprovou uma emenda à Lei Orgânica por 22 votos a favor. Com a aprovação, o prazo para os benefícios fiscais serem confirmados se amplia de dois para seis anos — o que invalida a tese de inconstitucionalidade da Fazenda.

Enquanto dura a luta, o secretário Mario Tinoco (da Fazenda) mantém a concentração não falando com a imprensa. Por meio de seus assessores, o lutador manda dizer apenas que não é questão de preconceito contra a cultura, mas de não deixar passar um problema técnico decorrente da própria lei.

O outro combatente, Hamilton Pereira (da Cultura), está em fase de estudar o adversário, e portanto é cauteloso em seus comentários. "Uma vez promulgada, essa emenda faz a lei entrar em vigência e aí damos curso normal à política de captação de recursos", disse. "Agora, vamos agendar uma conversa. Acredito que essa emenda da Câmara Legislativa põe por terra o argumento de inconstitucionalidade usado pela Procuradoria".

No assalto anterior, a secretária de Fazenda, depois de anunciar os recursos a serem descontados no primeiro trimestre do ano, voltou atras dias depois e suspendeu todos os processos até que a Procuradoria se pronunciasse sobre a inconstitucionalidade. Foi um golpe e tanto no adversário, já que Hamilton Pereira havia emitido certificados: cinco produtores haviam captado recursos; e os empresários que se dispuseram a fazer o investimento ficaram de mãos abanando, pelo menos em primeira instância.

Numa carta dirigida aos empresários que fizeram o investimento, o governo comunicou que os carnes do IPTU e ISS (dois dos impostos que permitem o desconto) serão liberados em 15 dias, e trarão os valores dos incentivos já descontados, permitindo aos produtores concluir as captações e iniciar seus trabalhos.

Gilvan de Brito, por exemplo, não vê a hora de começar as filmagens de *Ruibaco*, o longa sobre a vida do republicano Frei Caneca e sua luta contra as forças imperialistas. Betse de Paula, outra que foi beneficiada (com a possibilidade de captar R\$ 500 mil para seu filme, *O Casamento de Louise*) e prejudicada (com os certificados em mão, ela já havia captado os recursos, que foram depositados em conta, quando a secretária de Fazenda suspendeu tudo), agora aposta mais em cautela e prudência. "Não há nada acertado ainda, havia uma sugestão para usarmos os recursos e depois, se for o caso, entrar com um recurso para garantir, mas não há na-

WARÊME Z'ARA — NOSSA PALAVRA CONTA A HISTÓRIA DO ÍNDIO PELA BOCA DO ÍNDIO E RESULTOU DE TRÊS ANOS DE PESQUISAS NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DE SÃO PAULO, GOIÁS, MINAS GERAIS E MATO GROSSO

A VOZ DO POVO XAVANTE



Teresa Albuquerque
Da equipe do Correio

SÃO PAULO — NA PRIMEIRA VEZ QUE UM AVIÃO SOBREVOU A ALDEIA DE PIMENTEL BARBOSA, NO MATO GROSSO, OS XAVANTES FICARAM APAVOIADOS COM O BARULHO. SEM SABER O QUE FAZER, ESCONDERAM OS FILHOS E TENTARAM DEFENDER O TERRITÓRIO COM FLECHAS E BORDUNAS, FOI EM 1946.

Na revista *O Cruzeiro*, o jornalista David Nasser contava como as palhas das malocas tremiam, sacudidas pela ventania. E como uma "cara de índio" apareceu diante dele, sem borduna, "aquele selvagem, agitando as mãos fechadas, à altura do rosto crispado".

Sereburi e Serehimirami estavam lá, entre os homens que tentavam fechar o avião. Passados 50 anos, com outros três velhos xavantes (Sereburá, Hipru e Rupawê), eles contam sua

pelo Núcleo de Cultura Indígena e publicado pela Editora Senac.

Para o lançamento do livro, semana passada em São Paulo, Sereburi e Serehimirami, que nunca haviam saído da aldeia, entraram pela primeira vez num avião. Queriam ver como era por dentro aquilo que achavam bonito por parecer um passaro, e ao mesmo tempo assustador, pelo barulho. E gostaram da viagem. Mas levaram quase 52 anos para isso.

Com 180 páginas, *Warême Z'ara* conta a história do povo xavante, suas lendas e tradições, os 50 anos de contato com o branco. Os relatos, reunidos em 40 horas de gravações, são dos cinco índios mais velhos da aldeia de Pimentel Barbosa: Sereburi, Hipru, Rupawê, Sereburá e Sereburi.

"É difícil falar de idade porque eles não têm registro, classificam-se por gerações. Podem ter 70, 80 ou 90 anos", diz Cristina Simões Floria, uma das coordenadoras do projeto. "Sentados em frente ao microfone, eles foram narrando o que achavam mais importante para o branco saber quem é o povo xavante. A preocupação era esta: que fossem respeitados como povo verdadeiro."

É assim que o povo xavante se autodenomina: A'uwe Uptabi, "povo verdadeiro". São cerca de 9 mil pessoas, vivendo em 55 aldeias, em sete reservas no Mato Grosso. Conhecida

Cascalheira, ali vivem aproximadamente 100 pessoas, em 25 casas dispostas numa semicírculo — foi na abertura dele que apareceu, em 1946, o primeiro avião, o "homem branco".

Em Pimentel Barbosa, ao lado de Angela Pappiani (a outra coordenadora), Cristina Floria colheu os depoimentos dos cinco xavantes nos últimos três anos. Retaladas as fitas, Juandir Sindiwe Xavante levou quatro semanas traduzindo o livro. Para revisar o texto, Paulo Supretaprá Xavante fez quatro viagens a São Paulo, onde fica o Núcleo de Cultura Indígena.

Foram três anos de conversas, registros, pesquisas, coleta de imagens, confecção de mapas e desenhos (o livro traz desenhos feitos pelos próprios índios sobre as lendas e o cotidiano). Foram nove viagens da equipe — quase 40 mil quilômetros rodados nas estradas de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Mas a história do livro tem pelo menos 12 anos — tempo em que o Núcleo de Cultura Indígena, organização não-governamental criada por um índio, Ailton Krenak, vem trabalhando com comunidades indígenas. Pimentel Barbosa é uma dessas comunidades, e não estará retratada apenas em livro. *Warême Z'ara* faz parte do projeto *Xavante — 50 Anos de Contato*, que inclui documentário (em fase de finalização), exposição fotográfica, e apresentação de teatro e danças

também para eles, que têm a tradição oral e querem mostrar para os outros a sua história. Tentamos transportar a riqueza das narrativas para o livro, traduzir o mais próximo possível da narrativa tradicional. Mas é difícil. Eles têm todo um ritual para transmitir essas histórias. São sons, gestos, olhares..."

"Quando um velho xavante conta uma história, ele se transforma", dizem as coordenadoras, no texto de abertura do livro. "Transporta quem está ouvindo para um tempo mágico. Traz para o presente os ancestrais mágicos que criaram todas as coisas. Incorpora sua força."

Sereburá é o primeiro dos cinco velhos xavantes a falar. Com a história na memória, ele começa a contar como vivem os xavantes. "Que vocês possam ouvir minha palavra, enquanto eu ainda estou vivo. Que vocês possam me ver, que seus filhos possam ver os meus filhos, para que se mantenha viva a força da criação. Estou aqui com a verdade, para doar o mais verdadeiro de minha tradição. E isso dói no meu coração. Me traz dúvida e dor. Porque não sei se vocês vão ser capazes de compreender o que eu trago para compartilhar."

SERVIÇO

WARÊME Z'ARA — NOSSA PALAVRA: MITO E HISTÓRIA DO POVO XAVANTE
Lançado pela Editora Senac

TRECHO

"Antigamente o povo A'uwe vivia na escuridão.

Antes da lua. Antes do sol. Os wapté estavam assando ovos de ma. Comendo. Wapté têm respeito, dizem a verdade entre si.

— Como vocês quebraram os ovos de ema?

— Nós quebramos batendo com os ovos no peito.

— Eu não acredito.

— É verdade! É verdade. Eles não falaram a verdade. Não falaram. Ovos de ma assados são muito quentes. É muito quente! Por isso eles inventaram...

Mesmo não acreditando, o wapté bate com o ovo no peito. Então quebra.

Ele grita de dor.

— Asu ruru... Asu ruru... Corre para o rio. De mão fechada. Grita de dor. Está gemendo.

Ele se joga na água para esfriar o peito. Ele melhora, fica em pé. Ele se transforma em lua.

A lua é branca. Brilha. Brilha como ovo de ema.

É assim que surgiu a lua." Obs: ma = ema